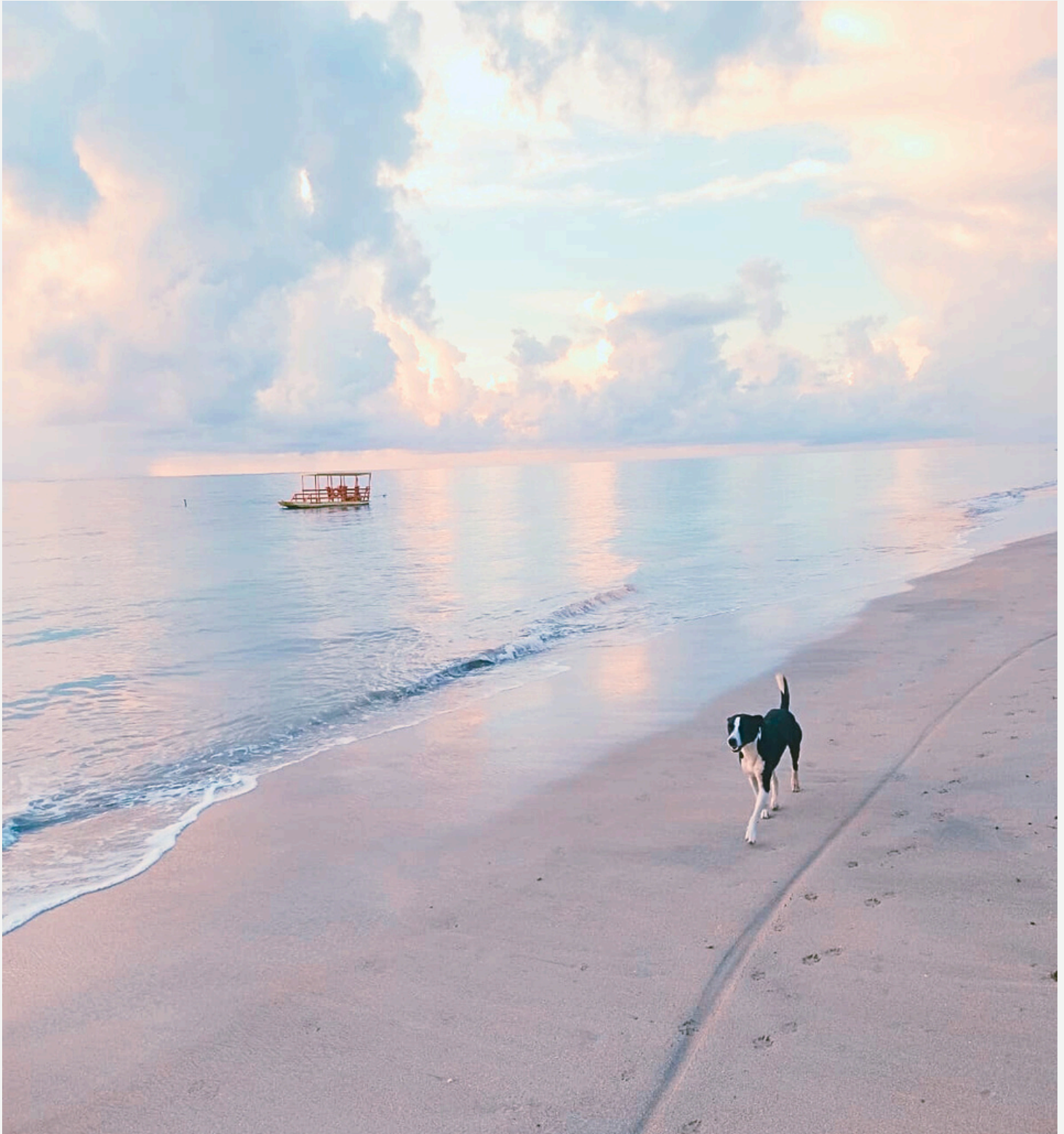


MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 03 | MAR. 25



Manifesto

Altura, abertura e profundidade

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 56 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 56 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Ana Maria. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



Meu nome é Renato. Tenho 63 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, jiló, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sêrvio, Sêrvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 54 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.



A IMANTADA

Sou a Luciana França Bernardino. Descobri cedo demais que as secretárias das escolas não gostavam de usar o Ç, o que me obrigava a me afirmar nas chamadas, dia sim, dia também. “Luciana Franca?” “Presente. É França.” Curioso, que hoje, quando eu não poderia me importar menos que errem meu nome na espera para fazer um exame, as pessoas começaram a digitar o Ç. Talvez, junto comigo, o teclado tenha mudado. Magnética, porque histórias são feitas para serem lidas. Porque histórias existem para serem contadas.



ÍNDICE

A Pinça

Luciana França Bernardino

07

O Mar

Renato Guimarães Ferreira

09

Macieira

Paula Bessa

11

Crossroads

Mario Aquino

13

Eu Também Estava Lá

Eliana Bianco

17

Eu Sou O Outro De Cada Um

Sérvio Túlio Prado Jr.

20

Yin & Yang

Ana Maria

23

A Pinça

Levantei em um sobressalto. Maldito despertador. Preciso trocar de celular. Corro pro banheiro. O que é isso? Chego mais perto do espelho e olho com atenção. Ah, não! Outro pelo branco, não! Tiro a pinça da embalagem jogada em cima da pia e o arranco logo. Era só o que me faltava. Barba grisalha, como a dele. De jeito nenhum!

Impressionante como um pequeno fio me traz à memória tempos há tempo esquecidos. Ele foi o sofrimento da minha mãe. Irresponsável, ela dizia. Preguiçoso, rabugento, pouco afeito ao trabalho, pouco afetuoso com os filhos. Sacudo a cabeça, desejando que as lembranças saiam dali.

Fico pronto, checo o horário. Vai dar tempo. Ligo o carro. Maldita luz de painel acesa. Sem gasolina. Sabia que deveria ter abastecido ontem a noite. Ainda daria tempo de ver o UFC. Foi só às 21h. Tá, não há tempo a perder. Semana difícil. Cartão de crédito cancelado, não dá pra pedir Uber. Abro a carteira. Uma nota de dois reais. Pego o cofrinho da Luiza e junto as moedas. Táxi, nem pensar. Quanto tá a passagem de ônibus? Acho que dá.

Corro pro ponto. As últimas entrevistas não foram bem. Desde quando virou praxe perguntar “Qual o motivo da saída do último emprego?”. Sério? O que querem que eu responda? A verdade? Deveriam fazer sempre a primeira entrevista online. Assim o trabalhador economiza. Tempo e dinheiro.

Subo no ônibus. Toca o telefone. Mensagem da Luiza. Passo o olho: “faz tempo”... “saudade”... “feira de ciências”... ‘você vem, né?’. Era hoje? O que

essas escolas têm na cabeça? Fazer evento durante a semana? Por acaso acham que os pais não trabalham, não? Deixo pra responder depois. Vai que a entrevista dura pouco, como tem acontecido e eu consigo chegar?

Pego no sono. Perco meu ponto. Desço pouco depois. Checo o horário. Corro 5 quarteirões. Anuncio a minha chegada na recepção. Já vão me atender. Aproveito para lavar o rosto suado no banheiro. Olho no espelho. Ah, não! Mais um pelo branco, não!

Luciana França Bernardino



O Mar

*“Aqui nesta praia onde
Não há nenhum vestígio de impureza,
Aqui onde há somente
Ondas tombando ininterruptamente,
Puro espaço e lúcida unidade,
Aqui o tempo apaixonadamente
Encontra a própria liberdade.”*

Sophia de Mello Breyner Andresen

Acordo cedo e saio para caminhar. O sol ainda não nasceu, mas o céu já começa a ficar mais claro. Encontro poucas pessoas pela praia, algumas com seus cachorros, outras com suas bicicletas indo trabalhar, outras ainda sem nada – só com o olhar de quem gosta das cores da manhã. Sento em um canto da praia e fico observando o mar, com poucas ondas e o reflexo de muitas nuvens. Brinco com a areia e as conchas, encontro tesouros.

As cores dos pequenos barcos, que ao longo dia levarão turistas para ver peixes nas piscinas naturais, vão ficando cada vez mais intensas com o dourado que se anuncia no horizonte. Eles ainda dormem, vazios, entre a água e o céu.

Espantam-me os barcos de pesca, que são menos coloridos e trazem marcas mais fundas das viagens que já fizeram – eles me parecem tão frágeis para enfrentar aquele oceano enorme que se abre ali à minha frente... Eles parecem trazer em si, com seus emaranhados de redes, a lembrança dos grandes navegadores, de sua coragem e ousadia, de suas conquistas a despeito de tantas tormentas.

Concentro minha atenção nas ondas, que emergem, movimentam-se na intensidade do vento e morrem na praia. Passa uma, surge outra e mais outra e mais outra e... Fico me perguntando: o que fica de uma onda naquela que lhe sucede? O sargaço de verde intenso, a concha partida que lembra uma borboleta abatida, a areia? De tudo isso, fica um pouco. Sempre fica. Mas acima de tudo fica a água. A onda que se segue é água em movimento, nela começa e a ela retorna como água que é. A outra, que se segue a esta, também é água. E assim sucessivamente: a outra, a outra, a outra... Ao escrever, ouço-a roçando a areia grossa que a acolhe em êxtase!

Levanto os olhos e vejo o sol despontando no horizonte e rapidamente enchendo de luz a praia inteira. Há uma indiferença na natureza à minha presença naquele momento que me encanta: tudo acontece ao meu lado e em mim com uma fluência ditada pelo tempo que se libertou do relógio. Nada depende de mim, que sou apenas parte do fluxo. O sol nasce, o vento sopra, as ondas seguem sua cadência. Não há barulho, apenas sons das folhas dos coqueiros se abanando, dos pássaros que acordam cedo e do cachorro que veio se sentar ao meu lado e resolveu ficar olhando as ondas também. Ele não late, a não ser quando passa alguém com sua bicicleta.

É o mar, é a onda, é a água, somos nós. O sol nos aquece. O céu nos protege. Sopra o vento e eu volto pra casa.



Renato Guimarães Ferreira

Macieira

Enquanto estiver enterrada,
não estarei só.
Sei onde começa
e onde termina o meu Ser.

Emaranhada na terra,
presa e inquieta,
percebo um mundo indignado,
amedrontado e desastroso.

Sem abrigar ilusões,
inclino meus galhos
e demonstro gratidão
pela troca desencantada.

Ao longo da história,
acolhi fungos,
abelhas e líquens...
e até um casal nu.

Trêmulos e mortificados
me receberam pelo fruto,
duas mordidas,
para seguirem sem rumo.

Reconheço...
sei bem o que é acreditar
nessa falta de enraizamento
e na instabilidade como consequência.

Esse poema é uma homenagem à Figueira de Elif Shafak

Paula Bessa



Crossroads

“Não és mais, meu senhor, do que és: um mortal!
Perucas podes ter, com louros aos milhões.
Alçar-te com teus pés nos mais altos tacões,
Serás sempre o que és: um pobre ser mortal!”
Johann Goethe

Era uma manhã abafada de março, e eu estava no inferno da baldeação das linhas de metrô Verde e Amarela, na estação Paulista-Consolação. O calor era sufocante, impregnando-se nos corpos que se moviam como uma massa única, sem identidade própria. O som era um rugido ininterrupto de passos apressados, vozes abafadas, anúncios inaudíveis no alto-falante. O ar carregava o cheiro de café requentado, perfume barato e um leve traço metálico de trilhos gastos. No sentido contrário, espremido pelo fluxo dos milhares de seres humanos encurralados em um mísero túnel, eu o vi pela primeira vez. Ele era eu. Mas não era.

Ele tinha barba, uma calça jeans e uma camiseta. A barriga era maior do que a minha, e ele carregava uma mochila quase preta com o logotipo da FGV. Mas o olhar... O olhar era diferente. Ele parecia ver algo que eu não via, como se estivesse ligeiramente fora do compasso do mundo. Quando nossos olhos se encontraram, um arrepio percorreu minha espinha. Ele piscou, hesitou por um segundo, depois desviou o olhar e embarcou na composição em direção à Ana Rosa. Dentro de mim veio uma forte vontade de segui-lo, mas meu corpo ficou inerte.

Na estação Consolação, fiz a baldeação para a linha amarela e segui até a Faria Lima. Meu dia seguiu como sempre: relatórios intermináveis que se acumulavam na minha mesa antes mesmo do primeiro café, reuniões onde as palavras pareciam se repetir em um ciclo infinito de projeções de mercado e estratégias de captação. Entre uma *call* com investidores e a análise de balanços, eu mal tinha tempo de notar o dia passando. O escritório era um ambiente controlado, onde tudo funcionava dentro da lógica previsível dos gráficos e números. Mas a imagem dele - de mim? - não saía da minha cabeça.

No fim do expediente, cansado e anestesiado pela repetição dos dias, peguei novamente o metrô. Quando a composição parou na estação Consolação, caminhei apressado para a baldeação da linha Verde. Foi quando o vi novamente. Ele estava lá, esperando pelo próximo trem, mas não estava sozinho. Estava cercado por um grupo de jovens, rindo alto, trocando piadas e gesticulando animadamente. Diferente do meu cansaço acumulado, ele parecia energizado, como se estivesse exatamente onde queria estar. No instante em que nossos olhares se cruzaram, percebi que ele falava algo empolgado, e, entre as vozes misturadas da multidão, acho que ouvi alguém dizer: "... que que é isso, professor!?"

Eu, saindo, e ele entrando no mesmo vagão. Dessa vez, houve algo mais: um breve aceno, um reconhecimento silencioso. O metrô fechou as portas e partiu. Fiquei parado na plataforma, sentindo que algo escapava por entre os trilhos.

Sacudi a cabeça e olhei o relógio. Precisava me apressar. Tinha uma apresentação importante pela frente para preparar, e meu sócio deixara claro que o cliente precisava ser convencido a desistir da ideia de investir tudo em criptomoedas. "Explique a volatilidade, os riscos regulatórios, os casos de fraude", ele havia me dito na reunião da manhã. Mas eu sabia que não seria simples. O cliente estava encantado com promessas de rentabilidade estratosférica e falava em abandonar investimentos tradicionais. Já antevia a

batalha que me esperava no escritório: gráficos, estatísticas e uma insistência diplomática para convencê-lo a não colocar tudo a perder. Mas, por algum motivo, minha mente ainda estava na imagem daquele outro eu, sorrindo entre os jovens na plataforma.

Nos dias seguintes, comecei a procurá-lo na mesma estação, na mesma hora da manhã que o vira antes. Nada. Talvez fosse um erro, um jogo da minha mente exausta. Até que, em outra manhã, ao cruzar a catraca do metrô, lá estava ele. Mas dessa vez, algo estava diferente. Ele vestia uma bermuda, uma camisa florida larga e usava um *headphone*, parecendo imerso em seu próprio mundo. Quando nossos olhos se encontraram novamente, ele sorriu. Entrou no mesmo vagão que eu, mas, antes que eu pudesse reagir, a multidão nos separou, me empurrando para um canto enquanto ele encontrava um espaço para se apoiar perto da porta. O trem seguiu viagem, e eu permaneci ali, observando-o de longe, sentindo que algo em minha vida havia mudado sem que eu soubesse exatamente o quê.

Decidi segui-lo.

Saímos juntos na Estação Oscar Freire, ele alguns passos à frente. Ele caminhava sem pressa, desviando dos ambulantes e dos apressados. Entrou em uma das ruas de Pinheiros, onde o movimento era menos frenético. Depois de alguns minutos, parou em frente a um café pequeno e discreto. O tipo de lugar que eu nunca teria notado no caminho para o trabalho, até porque jamais pararia por ali. Quando entrei, ele já estava sentado, tomando café e lendo um livro. Havia um assento livre à sua frente. Sem saber ao certo por quê, sentei-me.

Ele me olhou com uma curiosidade divertida. "Achei que nunca teria coragem de me seguir."

A pergunta estava na minha garganta, mas ele falou antes:

"E então? Como está nossa vida no banco? Perdão, na nossa *boutique de investimentos*? "

Meu estômago revirou. Ele sabia. Mas como? Um silêncio pesado se instalou entre nós por um instante que pareceu uma eternidade. Olhei para ele, tentando encontrar alguma falha, algum indício de que tudo aquilo era uma brincadeira absurda. Mas ele apenas sorriu, como quem já sabia a resposta para a pergunta que eu ainda nem tinha coragem de formular.

Mario Aquino 

Eu Também Estava Lá

Algumas histórias não pedem explicação. Talvez porque nem tenham.

O ano era 2020, aquele tempo estranho da pandemia, em que todos os dias eram iguais, mas o futuro era incerto e imprevisível. Foi então que recebi uma mensagem de uma colega de faculdade que eu não via há mais de dez anos. Pelo que acompanhava nas redes sociais, sabia que ela tinha se casado com outro amigo nosso da época.

O áudio dela veio cheio de entusiasmo e com um pedido bem inesperado. Seu marido, meu antigo amigo, havia tido um sonho estranho, mas que lhe pareceu muito real: Ele estava na Idade Média e viu uma moça de longos cabelos castanhos andando por sobre uma ponte. De alguma forma ele sabia, que aquela moça da ponte era sua atual esposa.

A cena do sonho os tocou muito e eles tiveram a ideia de transformá-la numa pintura. Procuravam um artista e, por acaso, me encontraram no Instagram.

— Por que não a Eli? Ela nos conhece. Talvez consiga captar bem a essência do sonho.

O *briefing* que recebi foi extremamente simples: uma moça de cabelos longos castanhos atravessando uma ponte, cuja base não era muito clara

— poderia ter água ou terra — e, ao fundo, uma grande casa. Só isso. Nenhuma referência e nenhuma descrição mais detalhada.

Com tão poucos elementos, imaginei que teria que fazer dezenas de esboços até chegar em algo que se aproximasse da visão do sonho. Mas, o curioso é que, ao ouvir o relato deles, uma imagem nítida me veio à mente, como se já tivesse visto esse lugar. Resolvi arriscar essa imagem mental e rabisquei meu primeiro esboço.

Quando chegou a resposta, eu mal podia acreditar:

— É exatamente isso — meu amigo disse, atônito. Você captou a cena direitinho!!!

Assim, feliz, eu finalizei a aquarela, que eles emolduraram com carinho e penduraram num lugar de destaque na casa.

Mas, a história não acaba aí.

Dois anos depois, eles estavam viajando de carro pela Toscana e ao errarem o caminho, foram parar em uma vila minúscula, dessas que nem aparecem no mapa. Ao cruzarem uma ponte, minha amiga sentiu um arrepio.

— Eu conheço esse lugar, já estive aqui! — disse.

Ele estranhou, disse que era impossível, pois estavam passando por ali pela primeira vez. Como ela poderia reconhecer um lugar onde nunca tinham estado? Mas ela insistiu. Tinha certeza de que já conhecia aquele caminho, aquela paisagem, aquela ponte. Quando chegaram do outro lado e olharam para trás o susto foi imediato. A cena diante deles era idêntica à da minha aquarela.

Me enviaram uma foto. Quando vi, também me arrepiei. A semelhança era impressionante! Estava tudo lá: a ponte, a perspectiva, a casa ao fundo. Pinte um lugar que nunca tinha visto — ou será que já tinha?

Fiquei pensando nisso por muito tempo. Pode ser coincidência? Pode. Mas também pode não ser. Meu avô era da Toscana, meus ancestrais vêm de lá. Quem sabe não existe uma memória latente, uma conexão antiga que atravessa tempos e vidas?

Prefiro não buscar respostas. Algumas coisas são mais bonitas quando ficam envoltas em mistério. Só gosto de pensar que, de alguma forma, eu também estava lá.

Eliana Bianco



Eu Sou O Outro De Cada Um

Eu sou o que chegou de fora, o que não pertence; o diferente, o sujo, o perdido, o que é confuso; o que fez de cada escolha a escolha errada, todas elas sempre escolhas suas.

Eu sou o que sempre de tudo teve e que assim nada merece.

Eu sou o que se sente esquecido, o que perdeu a chance, o que não chegou aonde pensou ser direito seu chegar.

Eu sou o que se enraivece, o que se ressentente.

Eu o que se engaja em limpar a toda gente da sujeira sem fim que dentro dele mesmo ele pressente estar, em cada perturbador desejo que o tentador mundo lhe reflete.

Eu sou aquele que tem vergonha.

Eu sou o que padece, o que se vê sofrer; e o que vê sofrer, mas não se importa, ou gostaria de não se importar.

Eu sou o que tem a certeza do bom, do justo e do perene, o que acusa, o que está acima; e o que o não chega ao fundo de coisa alguma.

Eu sou o que fala mal e o que pensa pior ainda. E o que pensa que fala bem e se engana que por isso bem pensam dele.

Eu sou o que crê na força, o que mantém a ordem, o que não tem conversa.

Eu sou o que define linhas, limites, fronteiras, pavilhões e lealdades.

Eu sou o que agride, o que ataca, o que se arma e o que se cerca; o que se defende.

Eu sou aquele que mais medo tem.

Eu sou o que conserva o que nunca foi e o que destrói o que ainda não é.

Eu sou o que grita vazios e o que cala oceanos.

Eu sou o que julga e lapida sem procurar testemunhas, nem tampouco as permitir.

Eu sou o que se exila na torre, o que se isola no baile.

Eu sou o que dançar já não sabe.

Eu sou o que lê, mas que nada entende e o que cita para não revelar.

Eu sou o que ouve, mas não entende, o que enxerga, mas não vê.

Eu sou o que busca o que não há porque não lhe alcança o querer.

Eu sou o outro de cada um.

Porque não há como ser ali tão evidente sem ser em mim, em algum lugar, de uma maneira igual e ressoante.

Se isso é certo, posso ser também o outro que ainda não sou... aquele que sorri e o que recebe. Aquele que, estrangeiro, acolhe e diferente, se quer amigo.

E há mais ainda. Posso ser o que estende, o que eleva; o que se faz cor e o que flutua sem peso a iluminar toda e quanta profundidade que existir.

Posso então ser o que não sabe, o que aprende a não saber, e que, limitado, compreende - porque só conhece o que há em cada instante.

E, por fim, sou aqui você que me redime.

Você que lê o texto que para mim mesmo eu escrevi.

Sérvio Túlio Prado Jr.



Yin & Yang

eu sou eu. e você é você. É vasto, vai durar. (...) Olha para mim e me ama.

Não: tu olhas para ti e te amas.

Clarice Lispector

Tantos textos, tantos autores — alguns mais normais que outros — se debruçaram sobre o tema de se reconhecer no outro, seja lá o que for o outro. Na MPB, Caetano afirmou, com muita razão, que *“Narciso acha feio o que não é espelho”*. Oscar Wilde, no seu *Retrato de Dorian Gray*, conseguiu colocar em si, mas num outro, no espelho, o que ele tinha de velho, feio e mau. Na medicina, o corpo humano busca a homeostase, ou, em outras palavras — e com alguma licença poética, talvez hipocrática — o equilíbrio.

Acho difícil, no mundo de hoje, encontrar o equilíbrio, em tempos de redes sociais. Buscá-lo é uma tarefa digna de Sísifo, aquele que, a cada vez que achava que tinha finalmente chegado ao topo do monte com a pedra, a via escorregar novamente. De fato, até mesmo nas entrevistas de artistas a revistas de celebridade (adoro o nome... em francês se diz *pipol*, como um galicismo do termo *people*), estes dizem que não se sentem realizados, pois, se a realização chegar, não terão por que continuar a fazer arte, a continuar vivos, enfim... depende do tamanho do seu desequilíbrio pessoal e mental.

Nesse turbilhão de ideias, vozes e limites conflitantes, pensemos no Carnaval, a festa brasileira que marca o início do ano. Nos Estados Unidos, o ano de verdade é o ano fiscal. Reza a lenda que aqui, ao pensarmos no trabalho, faria com que o fiscal e o oficial só contassem depois do Carnaval. Isto nos traz alguns sorrisos e rimas, mas nenhuma solução de fato. Mais uma vez, cito Caetano, com *samba, suor e cerveja*. E o samba-enredo da Beija-Flor — na minha opinião o melhor deles — Joãozinho Trinta celebra o jogo do bicho... proibido? Em linguagem de rede social, só que não. O da Rosas de Ouro, de São Paulo, este ano, venceu também com o jogo... desde os de tabuleiro até todos os demais, de azar ou não.

E se estendermos a análise para outros carnavais, teriam as coisas mais sentido? Temo que não... Penso no Carnaval de Veneza, que se parece muito com os antigos bailes onde havia concursos de fantasias no Rio de Janeiro dos anos 1960. Até havia os *hors-concours*, porque não havia como não ganharem... As roupas de rua em Veneza são equivalentes, mais as máscaras que remetem àquelas festas com mistério: quem estará por trás? Que aventuras? Que romances? E que olhares. Nem olhando de perto no espelho eu consigo fazer uma *maquillage* lânguida nos olhos, que dizer de fazer olhares voluptuosos. Ou, citando Castro Alves, "*dorme a Ásia nas sombras voluptuosas dos haréns do Sultão*". De Veneza ao sultão... (sinto que, nesse momento, imagens e versos navegam pela minha mente sem que algo mais firme lhes sirva bússola e possa lhes ditar o curso).

Vivemos num tempo de comparações, em que importa ser melhor ou mais atraente — mas aos olhos de quem? Porque nem "melhor" nem "atraente" são exatamente critérios objetivos. Pelo contrário, nos contos de fadas vê-se, por exemplo, a pessoa/princesa perguntando ao espelho quem é o(a) mais bonito(a), e, quando a resposta não é a ali refletida, por mais que se saiba que quebrar esse vidro leva a sete anos de sorte menos afortunada (há palavras que não se deve dizer), o dono da imagem pode até tentar quebrar o vidro para se vingar da resposta correta, porém talvez inadequada num determinado momento.

Mas quem, afinal, define o bonito, quem discrimina o correto, quem olha para o existente?

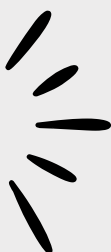
Até já li um relatório de avaliação de sistemas de saúde escrito por uma entidade anglo-saxã — e, portanto, levada muito a sério por esta simples condição etnocêntrica — cujo título era *“Mirror, mirror on the wall...”* Ah, esse humor britânico tão atraente.

Que difícil trazer para os dias de hoje essa discussão do dentro (eu) e do de fora (o outro, do outro, para o outro) ... Que mistério ainda existe? A exibição é a norma: do corpo, com as roupas justas, curtas, transparentes, recortadas; assim como do pensamento, das emoções (e do que mais?), tudo prosperando na hiperventilação histérica das redes sociais. Uma histeria medicada quando há concordância, mas nem sempre a medicação se faz disponível. E assim, fico sabendo de pessoas que abrem perfil só para ver o que está sendo postado. Isso é voyeurismo? Um investimento em mais e mais aparência, mais e mais fragmentação?

Percebo as coisas se passando em um espelho que se desdobra em prisma, cortado em muitos pedaços. Prisma que me leva a pensar na Pollyanna — que, no fundo, é aquela que é feita de muitas Anas. Prefiro o prisma ou a lisérgica Lucy com seus olhos de caleidoscópio (*“... the girl with kaleidoscope eyes...”*), trazida agora do jurássico por uma lembrança que tive dos Beatles? Não sei... Não sei ao certo o que pensar.

Forças opostas e complementares deveriam garantir o todo — mas como isso se fará possível com o que vivemos hoje? O olhar do outro me valida, me imita, me intimida ou me destrói? É o todo se tornando um quebra-cabeça, eventualmente sem uma imagem que sirva como modelo a copiar...

Ana Maria



INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES



MAGNETICA

